

A identidade do sujeito social, o sentido do trabalho e suas contradições

Maria Zenaide de Lima Arantes
pppmariazenaide45@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa busca entender os arranjos e contextos de trabalho e as experiências subjetivas de uma trabalhadora denominada Flor, buscando entender como se deu o sentido do tipo de trabalho realizado por ela e as contradições desse fazer laboral. Foi realizada uma análise crítica com base nos fundamentos teóricos da Economia Política do Poder (EPP) a partir do caso descrito pela docente à luz da dialética para entender a identidade laboral e quem é esse sujeito social, a partir da teoria Histórico-Cultural.

Palavras-chave: identidade; trabalho; sujeito social; dialética; relações de poder.

1 Introdução

Buscaremos explicar a identidade do sujeito social com a pergunta: quem é esse sujeito social que será analisado neste estudo? Para Vygotsky (2009), um ser social, constitui-se socialmente e precisa do outro para se constituir. O meio social tem o poder de recriar o sujeito, mas esse mesmo sujeito, tem a possibilidade de modificar o meio social. O sujeito para Vygotsky é um ser único, com suas heranças genéticas e históricas, um ser social em constante transformação, onde a linguagem e pensamento não são independentes, mas se cruzam e que a linguagem é antecedita pelo pensamento e tem um papel fundamental em todo esse processo. Aproxima-se do pensamento de Faria (2022) quando explica que ser e estar no mundo é um processo social e histórico (FARIA, 2022, p. 622). Faria (2022) nas suas considerações iniciais já esclarece que sujeito é utilizado no sentido de ser social. Na introdução de seu texto, o autor afirma que sujeito e ser social prevalecem na sua exposição como condição ontológica histórica e prática do ser. O autor expõe também que sujeito é ontologicamente o ser social; ainda que se expresse individualmente é sempre coletivo e historicamente localizado. Sendo este o lugar de exercício da consciência (FARIA, 2022, p.26 e 82).

São nas relações sociais com o outro, com seus desafios, problematizações, insatisfações, que emergem os desejos de compreender o mundo, o outro e o próprio eu, em um processo que conduz à criação e à transformação: Se a vida ao seu redor não o coloca diante de desafios, se as suas reações comuns e hereditárias estão em equilíbrio com o mundo circundante, então não haverá base alguma para a emergência da criação. O ser completamente adaptado ao mundo nada desejaria, não teria nenhum anseio e, é claro, nada poderia criar. Por isso, na base da criação há sempre uma inadaptação da qual surgem necessidades, anseios e desejos (VIGOTSKI, 2010, p. 40).

Este sujeito social tem inerente em si contradições. Todas as contradições vivenciadas pelo sujeito social precisam ser consideradas dialeticamente. De acordo com Pires (1997)

Dialética é a contradição ou a contraposição de teorias ou conceitos. Desde os pré-socráticos a ideia de contradição era discutida, Heráclito que afirmou que a conversa deveria ser entre os diferentes; e que nunca se poderia banhar no mesmo rio pois tudo muda constantemente em sua permanência; Parmênedeo o tensionou afirmando que o que muda seria somente a aparência e não a essência. Zenão, um discípulo de Parmênedeo afirmou que movimento era ilusão. Havia uma dialética apenas de opiniões. A dialética continuou em pauta com os gregos, a partir do indagar e da maiêutica de Sócrates, seu discípulo Platão observou que teses contrárias poderiam gerar sínteses a partir dos diálogos com perguntas e respostas e afirmava que o movimento era percebido pelos sentidos. Aristóteles discípulo de Platão defendia a lógica do provável em que era realizada uma extração de opiniões verdadeiras com as ideias aceitáveis pela maioria; estabeleceu a fixação do ser: o que é, é e o que não é, não é. Kant se utilizou dos conceitos de Aristóteles e afirmou que a dialética era uma ilusão. Na idade média, a dialética ficou um pouco esquecida pois não se falava em contradições, visto que o dogma da igreja era tido como absoluto pela maioria (PIRES,1997).

Até que no renascimento, a ideia de Copérnico de que a terra não é imóvel; o movimento como condição natural dos corpos de Galileu e Descartes; e o fato de entender que os corpos caem de Newton, foram contribuições importantes. Hegel que viveu de 1770 a 1831 formulou pela primeira vez o conceito de dialética e afirmou que a partir do pensamento com o princípio da contradição, da totalidade e da historicidade, uma coisa é e não é, ao mesmo tempo e que estão em constante transformação. Hegel parte da ideia e do pensamento. Já a dialética de Marx apresentou o real e o concreto como primazia rejeitando a dialética idealista de Hegel. O método de Marx é o exato extremo de o movimento do pensamento, a ideia da realidade. Para Marx, o pensamento é o movimento do real; as contradições são materiais e históricas e podem ser superadas através da consciência da luta de classes. Ele parte do concreto para o pensamento (PIRES,1997).

Buscaremos entender a partir de agora, esse sujeito social e dialético em seu contexto laboral a partir do termo sentido do trabalho. Iniciaremos conceituando a palavra sentido e após, o termo trabalho.

Na teoria de González Rey (1997) a categoria de sentido subjetivo, o autor explica o sentido como momento constituinte e constituído da subjetividade pois integra formas diferentes de registro: social, biológico, ecológico, semiótico, etc. A articulação complexa de emoções, processos simbólicos e significados, que se expressam de formas distintas e que é suscetível de aparecer em cada momento com variadas formas, apresenta uma organização dominante (GONZALEZ REY, 1997. p. 18).

Ainda, faz-se importante refletir de que os sentidos se produzem de maneira diferenciada em cada nova geração, ou nos momentos diferentes que caracterizam o desenvolvimento de uma mesma geração o processo apropriado para compreendê-lo parte de um processo construtivo-interpretativo da construção de conhecimentos, o que é especificado por González Rey (2012) como epistemologia qualitativa (p. 144). Há de se considerar que o sentido é guiado por aquilo que o sujeito sente, dessa forma, conhecer esse “sentir” é o caminho para conhecer sua produção social (GONZALEZ REY, 2012).

Tensionando e superando este conceito, pode-se refletir que o conhecimento é produzido e não construído. O método como o conhecimento é produzido passa pelas relações entre o ser social, o objeto material e os métodos de produção do conhecimento. Sendo esta a produção de fato (FARIA, 2022. p.26. p.162).

Sentido é uma forma significativa de organização da apropriação pela consciência da relação ontológica e epistêmica entre matéria e pensamento; porém não deve ser considerado pelo pesquisador como sua forma acabada de sua representação (FARIA, 2022, p.587).

Essa pesquisa utilizará sentido como um modo de formar, constituir e elaborar apreensões da realidade concreta que a consciência se apropria integrando as esferas: social, histórica, biológica, entre todas as outras na relação pensada e refletida entre o campo e o pensamento do sujeito pesquisador. O sentido vai se constituindo com as interpretações na relação de um sujeito social e um objeto histórico. (FARIA,2022)

Sujeitos e objetos interagem ontologicamente como sujeitos e objetos (fenômenos) nas relações sociais. A interação epistemológica é um nível de interação que visa produzir conhecimento. O sujeito interage com o objeto quando se relaciona com ele. Sem relação não há interação. Interação social e interação epistemológica são duas instâncias de interação. Na interação deverá ser considerado o que o sujeito sente, representada em sua produção social. Essa representação não será sua forma acabada, ela será tensionada, refletida, apropriada pela consciência do pesquisador com novas trocas com o campo para chegar a um conceito consistente, mas que não será uma verdade absoluta (DIAS,2021)

Dias, (2021) afirma que Lev Vygotsky propõe que a consciência não é inerente, mas sim construída através da interação social e da mediação cultural, especialmente por meio da linguagem, sendo que esta é antecedida pelo pensamento. A consciência se desenvolve quando a linguagem e os signos (que vêm do social e da cultura) são internalizados e transformados em processos mentais, como a fala interna. Para Lev Vygotsky, a consciência é um processo socialmente construído, mediado pela linguagem e que se desenvolve através da interação com o meio e com outros indivíduos. A consciência não é um estado inato, mas sim uma função

psicológica superior que emerge a partir da atividade social e se manifesta na forma como o indivíduo apreende e utiliza a linguagem para pensar e agir. Dialoga diretamente com Faria (2022) em um aspecto, quando afirma que há uma relação ontológica entre consciência e matéria e que a consciência é um produto social (FARIA, 2022. p. 28.p.82. p. 329 p. 334).

Sobre o termo trabalho utilizaremos a seguinte definição, de acordo com Frigotto (2009) existe uma necessidade de compreender a polissemia da categoria trabalho. É mediada pela semântica, pela teoria e pela epistemologia, mas acima de tudo é de natureza histórico-social, ontológica e ético-política. Assim, busca-se entender como os trabalhadores pesquisados entendem o sentido do seu fazer laboral e como o trabalho se expressa para eles (FRIGOTTO, 2009).

Cabe aprofundar os conceitos sobre dialética relacionando com a categoria trabalho. O método dialético foi tirado das ciências da natureza. A filosofia estudada pelos autores referenciados abaixo, apresentou a crítica: “toda concepção de mundo favorece determinadas classes sociais e desserve outras”, a partir do materialismo histórico como uma filosofia científica do proletariado; entendeu-se que a dialética poderia ser o estudo das leis que explicam o desenvolvimento da sociedade para compreendê-la e libertá-la da exploração (BESSE; CAVEING; POLITZER, 1970.p.20,21).

Longe de ser um dogma, os autores propuseram algumas lições sobre o método dialético para ser entendido os dados que posteriormente o campo de pesquisa apresentar. Assim, passemos a entender mais profundamente, o que é dialética. Observemos a metafísica antiga que considerava as coisas feitas em definitivo, com Galileu e Descartes; a Física que se dedicou ao estudo do movimento; a mudança de lugar. Opondo-se à metafísica, a dialética estava atenta não somente ao movimento de lugar, mas de estado como na mudança da água; e no movimento pela luta dos contrários que é o motor do pensamento; em que um não pode viver sem o outro. Historicamente trabalhadores em geral foram tratados como um número e que serviam apenas para produzir. Corpos flagelados, sem importar ou considerar o que sentiam. A dialética apresenta algumas lições que podem ser utilizadas para refletir sobre os trabalhadores explorados e expropriados: 1) Tudo se relaciona; a reciprocidade de iniciativas em uma única direção contra as mesmas forças não são iniciativas isoladas. A realidade é um todo. Há interção e conexão recíproca até numa mola de metal e suas moléculas, se for aquecida, rompida, etc. Todos os aspectos da realidade (a natureza e a sociedade) prendem-se por laços recíprocos. Não se pode fragmentar o sujeito. Ele é alguém que sente, pensa e pode transformar e ser transformado (BESSE; CAVEING; POLITZER, 1970).

2) Tudo se transforma; a dialética atinge as coisas em seu movimento, ela supera as aparências; o botão que desabrocha e vira rosa, a terra em movimento em relação ao sol; o movimento é a maneira de ser da matéria. O homem é por essência um ser social e portanto, não é eterno. Acreditar que o passado é tão forte que comprometa o futuro é desconhecer a dialética do real. Assim, o sujeito social pode se libertar de um passado que o limitou e buscar emancipação na coletividade (BESSE; CAVEING; POLITZER, 1970).

3) A realidade é mudança. As mudanças qualitativas são o resultado da acumulação de mudanças quantitativas graduais. A flor que desabrocha passou por uma evolução lenta, ainda que pareça um salto. Além da forma evolutiva, há também a forma revolucionária; a revolução é o produto histórico de uma evolução nas mudanças mínimas do cotidiano e quando se unem para uma ideia comum, reconhecendo a necessidade objetiva de mudança. A mudança na mente, no pensamento e em sua totalidade ainda que processual é fundamental através de reflexões e revoluções sempre a partir de coletivos (BESSE; CAVEING; POLITZER, 1970).

4) A contradição é interna; a semente não será só semente; ela traz em si o poder de mudar pois será planta. A contradição é inovadora; há uma luta entre o velho e o novo; na fecundidade está a presença do novo. Na unidade dos contrários; os contrários se combatem; porém, são inseparáveis. O homem ignorante busca saber o máximo possível; já o homem que sabe muito, busca aprender de novo. A luta das forças contrárias é universal. Um garfo enferrujado apresenta uma luta entre o ferro e o oxigênio. O trabalho transforma a natureza e transforma os homens. O antagonismo é um momento da contradição. O fim da burguesia e do proletariado não significa o fim das contradições. A dialética está no pensamento tanto quanto no conjunto da realidade. Assim, o sujeito social pode e deve sentir orgulho de suas lutas vencidas ou não, pois o lugar da contradição é do humano (BESSE; CAVEING; POLITZER, 1970).

5) A teoria e a prática são duas forças contrárias em interação dialética; se interpenetram mutuamente. O dogmatismo se satisfaz com generalidades, mas a dialética apresenta as particularidades sem isolar o processo do movimento. O específico e o universal são inseparáveis. Existe uma contradição (principal) que aparece do início ao fim do processo, e determina o tempo do processo. As outras contradições são secundárias. O sujeito social está sempre em movimento, então o trabalhador pode sonhar e planejar novos desafios para transformar sua realidade (BESSE; CAVEING; POLITZER, 1970).

Após as respectivas lições sobre o método dialético, faz-se importante observar que Kosik (1976) conceitua pseudoconcreticidade quando se toma a aparência por essência pois a coisa em si não se manifesta imediatamente, pois não foi mediada pelo pensamento. Necessita-

se de um esforço, um desvio um desvelar para que o objeto se manifeste e se esconda (KOSIK, 1976).

O autor explica que a aparência e a essência não devem vistas de forma isolada, pois a aparência é fundamental para o pesquisador, mas deve ser superada. A ciência nega a aparência para ir mais fundo. Essência e aparência não são a mesma coisa. O sujeito social a partir de reflexões críticas começa a superar a aparência imediata e surgem os questionamentos e a vontade de lutar em conjuntos para obter melhores condições em sua vida (KOSIK, 1976).

Kosik (1976) apresenta a praxis como categoria de análise e a define como uma ação mediada pelo pensamento; uma intervenção ativa face a condições objetivas para transformar. Somente o ser social desenvolve a práxis e os demais animais desenvolvem instinto. A realidade se desenvolve como o oposto do ser dado. Ela coloca em movimento o desenvolvimento das relações sociais e laborais (KOSIK, 1976. p.199)

A economia Política do Poder (EPP) foi desenvolvida pelo professor Faria em que o autor aponta as relações de poder como controle nas organizações em geral (BRUNING, 2021)

2 Metodologia

Faria (2022) apresenta o conceito de Ato Epistemológico como a produção do conhecimento que vai do mais simples até o mais elaborado. Entende-se que é o estudo crítico sobre como, metodologicamente, o conhecimento científico, filosófico e tecnológico é historicamente produzido. Ocorre a partir da relação ontológica objetiva e subjetiva (sujeito ↔ objeto, consciência ↔ matéria). O conhecimento produzido sistematizado e exposto segundo princípios socialmente condicionados e validados. É a práxis do conhecimento que não se esgota em estudar, investigar e analisar; não está na relação imediata sujeito/objeto, pois não pode se separar de sua condição histórica. É a ação reflexiva do sujeito com a matéria. (FARIA, 2022, p.83)

Vygotsky (1995) diferenciava claramente a análise que se reduz à descrição do mais imediatamente visível e a análise que vai além das aparências. A abordagem Histórico-cultural de Vygotsky permite-nos realizar construções novas a partir de sua teoria no campo da psicologia, devido ao autor ter falecido aos 37 anos, e deixar sua teoria aberta. Vygotsky elabora em seu texto “Problemas do desenvolvimento da psique” da seguinte forma:

” Na realidade, a psicologia nos ensina a cada passo que duas ações podem ocorrer por sua aparência externa de maneira similar e serem, todavia, muito distintas por sua origem, essência e natureza. Em casos assim são necessários meios especiais de análise científica por detrás da semelhança exterior às diferenças internas. Nesses casos resulta necessário, à análise científica, o saber descobrir sob o aspecto externo do processo seu conteúdo interno, sua natureza e sua origem. Toda a dificuldade da análise científica radica no fato da essência dos objetos, isto é, sua autêntica e verdadeira correlação não coincidir diretamente com a forma de suas manifestações externas e por isso é preciso analisar os processos; é preciso descobrir por esse meio a verdadeira relação que subjaz nesses processos por detrás da forma exterior de suas manifestações. Desvelar essas relações é a missão que há de cumprir a análise. A autêntica análise científica na psicologia se diferencia radicalmente da análise subjetiva, introspectiva, que por sua própria natureza não é capaz de superar os limites da descrição pura.” (VYGOTSKY 1995, p. 104)

É importante observar que não se trata de revelar o que nos parece o fenômeno observado, mas sim o que ele é na realidade. Ambos os autores desafiam o pesquisador a realizar processos reflexivos com a realidade de sua pesquisa, indo além da aparência do objeto para se apropriar do mesmo.

A pesquisa foi qualitativa (Faria, 2021.p.132) através de estudo de caso a partir das vivências de uma trabalhadora, que denominamos aqui de forma fictícia como Flor. Eisenhardt (1989) aborda a importância da pesquisa de estudos de caso e seu papel no desenvolvimento teórico. Uma das principais contribuições do artigo é o esclarecimento sobre como os pesquisadores podem realizar a construção de teorias a partir de estudos de caso, superando a teoria os textos dos outros autores que se ativeram apenas ao estudo de caso, resultando na saturação do estudo de caso. Eisenhardt propõe criar de fato teorias. Sendo um processo interativo e orientado para a prática, que envolve etapas como: Seleção Teórica Inicial, onde deve-se começar com uma teoria ou uma hipótese inicial, a fim de orientar a coleta de dados e a análise; Seleção de Casos que permitam a análise das relações entre variáveis e a identificação de padrões relevantes; Coleta de Dados de forma abrangente, usando várias fontes e métodos para garantir uma visão holística do caso; Análise de Dados cruzadas e comparações entre os casos para identificar padrões, tendências ou exceções; e por fim, Revisão Teórica Contínua à medida que novos insights emergem dos casos. (EISENHARDT, 1989)

O caso: Flor é docente de uma escola de Educação Básica. Atualmente trabalha em apenas um turno na escola. Dentre relatos de perdas e dores pessoais, Flor relatou que sofreu bullying por parte de alguns estudantes de aproximadamente nove anos de idade que a compararam com um “macaco” através de gestos e risos. Flor é mulher negra e sentiu-se entristecida e desrespeitada. Chamou atenção dos estudantes explicando que aquela atitude era

criminosa. Tinha a intenção de realizar boletim de ocorrência, mas foi orientada a fazer o processo pelo Conselho Tutelar pois os estudantes tinham entre 8 e 9 anos. A repercussão com a família e com a escola a fizeram desistir de buscar justiça pois os estudantes estavam tendo crises de medo e choro. Flor relatou que se sentiu calada, injustiçada e triste com o lugar em que a escola e suas relações estão postas. Ela já sofreu ao longo de sua vida muitas discriminações e maus tratos e com esse episódio teve muitas crises de ansiedade e vontade de desistir da profissão. Flor relatou que foi acolhida por seu companheiro e pela profissional que realizou atendimento psicológico.

Foram feitos três momentos de entrevistas em separado, de forma individual. Foi observada a história de vida da trabalhadora à luz da pesquisa biográfica. Ela ganhou destaque a partir dos anos 70 em disciplinas como sociologia, história oral, ciências da educação e psicologia, desafiando a predominância de documentos escritos na historiografia ao valorizar as narrativas de vida como construtos significativos da realidade social. Segundo Rosenthal (2004), este movimento foi exemplificado pela análise das experiências de uma geração ligada à Juventude Hitlerista na República Federal Democrática Alemã, destacando a importância de uma abordagem que permitisse descrições livres das histórias de vida dos entrevistados.

Na sequência, as entrevistas foram transcritas e as análises que esta pesquisa realizou foi a partir dos dados coletados, à luz da proposta denominada núcleos de significação. Conforme os autores tem “a finalidade de elucidar o processo dialético de apreensão das significações produzidas” (AGUIAR; ARANHA; SOARES, 2021)

A análise dos resultados coletados no campo ocorreu a partir do núcleo de significação que de acordo com Aguiar, Aranha, Soares, (2021) a expressão de dialética é um elemento fundamental que constitui as significações dos sujeitos para discutir de modo democrático, crítico e colaborativo determinado tema.

Assim, para dar conta da análise, o recurso metodológico adotado contemplou os seguintes movimentos, dialeticamente articulados: leituras recorrentes do material transcrito das entrevistas; destacando aspectos que despertaram interesse ou chamaram a atenção pela característica do conteúdo coletado. Nesse movimento consideramos os pressupostos do método no que se refere ao entendimento de que fazer ciência implica fazer recortes da realidade. De acordo com Faria (2022) no campo empírico, a realidade abstraída e apreendida precisa ser aquela passível de se conhecer e não somente a que estiver dada. O pesquisador precisa tomar cuidado para não fragmentar a realidade. (FARIA, 2022)

3 Resultados e Discussão

Realizou-se uma análise crítica com base nos fundamentos teóricos da Economia Política do Poder (EPP) e da Psicologia Crítica do Trabalho (PCT) sobre os detalhes do caso descrito. Bruning (2021) apresenta que no volume 1 o professor Faria esclarece que poder é uma proposta de um conceito vinculado aos estudos das organizações. Possui uma perspectiva interdisciplinar tendo como foco as organizações. Percebeu-se estabelecida a relação de poder entre a instituição e a trabalhadora. (BRUNING, 2021)

Bruning (2021) No volume 2 do texto do professor Faria, esclareceu que as organizações atuam tentando integrar o trabalho e a organização, às necessidades sociais e psicológicas dos trabalhadores com o objetivo de obter cooperação e envolvimento. O controle organizacional que antes focava no corpo, no ato e no tempo, passam a focar também na subjetividade do indivíduo. Analisou-se no caso de Flor que a mesma “cooperou” com a instituição mesmo se sentindo injustiçada (BRUNING, 2021).

O professor Faria no volume 3, define alguns tipos de controle. O econômico como o próprio processo de produção capitalista e compra da força de Trabalho. O controle político ideológico: que são as instâncias normativas e legais e se dá pela estrutura burocrática, hierárquica, controle disciplinar e controle por transmissão ideológica. É apresentado também o controle psicossocial com seus aparatos para institucionalizar a relação de submissão, tanto punindo quanto alimentando a fantasia de organização protetora. “sujeitos adestrados”. Percebeu-se que o poder na hierarquia se sobrepôs a trabalhadora e a mesma acabaram aceitando as decisões propostas pela instituição (BRUNING, 2021)

No livro:” Poder, controle e gestão” apresenta-se a análise das práticas de gestão participativa restrita e participativa consultiva que promovem a participação nas organizações para melhorias nas condições de trabalho, porém não contrariam objetivos organizacionais mais amplos já denominados pela organização. A gestão participativa expandida com a economia solidária, é apresentada como uma alternativa ao sistema capitalista de produção. Internamente

pode haver gestão democrática (quando tanto), mas ao se deparar com o sistema capitalista acaba por ceder aos interesses do mesmo. O texto ainda apresenta a gestão participativa que é diferente de gestão democrática. São as condições para uma gestão democrática do processo de trabalho com distribuição igualitária de riqueza material; reconhecimento social; representação paritária nas esferas de decisão. Segundo os relatos de Flor, há uma gestão participativa com as demais docentes em seu fazer laboral e essa relação fortalece o vínculo com trabalho, pois se ajudam mutuamente (BRUNING, 2021)

Assim, coube buscar possibilidades para um despertar da trabalhadora a partir das reflexões na pesquisa sobre o seu fazer laboral. Foi a partir das reflexões que a mesma decidiu ficar apenas meio período no trabalho com a educação.

4 Considerações Finais

Conclui-se ao final da pesquisa compreender os arranjos e contextos de trabalho e as experiências subjetivas da trabalhadora. Todo esse material foi costurado por uma análise crítica com base nos fundamentos teóricos da Economia Política do Poder (EPP) refletindo criticamente sobre as relações de poder e controle da instituição para com a trabalhadora. Entendeu-se que os arranjos e contextos de trabalho e as experiências subjetivas da trabalhadora denominada Flor, foram prejudiciais à sua saúde física e emocional e após tratamento, conscientização e reflexões críticas, a mesma deu um novo sentido ao seu trabalho, a sua saúde e a sua vida. Ainda, faz-se importante ressaltar que Flor acolheu suas contradições. A dialética na pesquisa e na vida ajudou Flor a entender quem é como sujeito social e como se desenvolve sua identidade laboral pois é um ser em movimento, em relação e que pode transformar sua realidade e ser transformada por ela.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, W. M. J., & OZELLA, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(2), 222-245.

AGUIAR, W. M. J., & OZELLA, S. (2013). Apreensão dos sentidos: Aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 94(236), 299-322.

AGUIAR, W. M. J. DE; ARANHA, E. M. G.; SOARES, J. R. (2021) Núcleos de significação: análise dialética das significações produzidas em grupo. *Cadernos de Pesquisa*, v. 51, p. e 07305.

BESSE, Guy; CAVEING, Maurice; POLITZER, Georges. (1970) *Princípios Fundamentais de Filosofia*. São Paulo: Hemus.

BRUNING, C. (2021) Economia Política do Poder e Psicologia Crítica: Diálogos e construções a partir da obra de José Henrique de Faria. *Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*.

DIAS, M. S. L. (2021) *Lev Vygotsky: teoria e prática da perspectiva histórico cultural* [recurso eletrônico] / Maria Sara de Lima Dias (Org.) -- Porto. Alegre, RS. 2021

EISENHARDT, K. M. (1989) Building Theories from Case Study Research. *The Academy of Management Review*, vol.14, n.4, Oct.

FARIA, José Henrique de. (2022) *Introdução à Epistemologia: dimensões do ato epistemológico*. Jundiaí: Paco Editorial.

FRIGOTTO, G. (2009) A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias na sociedade de classe. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 168 – 194.

GONZÁLEZ REY, F.L. (1997) As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. Ver. *Psic. da Ed.*, São Paulo.

KOSIK, K. (1976) *Dialética do Concreto*. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra.

PIRES, M. F. DE C. (1997) O materialismo histórico-dialético e a Educação. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 1, n. 1, p. 83–94, ago.

RIBEIRO, Manoela Maris e ANTUNES, Marcos Henrique. (2021) Repercussões do home office nos contextos do trabalho e da família: revisão integrativa. *Nova perspect. sist.* [online].

RODRIGUES, J.(2023) Trabalho remoto para fora do Brasil, ganha força e atrai recém-formados; veja dicas para se candidatar. *O Estado de São Paulo*. Sua Carreira. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/sua-carreira/trabalho-remoto-exterior-profissionais-brasileiros-veja-dicas/> .

ROSENTHAL, G. (2004) *Biographical research*. In: C. SEALE, G. GOBO, J. F. GUBRIUM, & D. SILVERMAN (Eds.), *Qualitative research practice* (pp. 48-64). London: Sage.

VYGOTSKY, L. S. (1995) *Obras escogidas*, tomo III. Madri: Visor e MEC.

VYGOTSKY, L. S. (2009) *A construção do pensamento e da linguagem*. 2 ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKY, L. S. (2010) *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática.

VYGOTSKY, L. S. (2000) *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.